

Louvor da superficialidade.

(Para IRIS, S.Paulo)

O ambiente no qual vivemos nao e por nos captado imediatamente, mas o é pela mediação de determinadas "categorias". E como se lancassemos rede para nela pescar o mundo. A aranha pode servir de ilustração de como vivenciamos o ambiente e de como nele agimos. Secreta ela teia cujos fios serao para ela a estrutura do mundo. Tudo que a aranha vivencia, (moscas, outras aranhas, inimigos), vai aparecer nos fios e a sua atuação toda, (comer, copular, fugir), vai se dar ao longo dos fios. Nada existe para ela no além da teia, nem nas malhas da teia. Vive ela "categoricamente" em mundo-teia. E quem rasgar a teia tera destruido a estrutura universal por revolução irremediavel.

Na aranha, tal estrutura da teia, (do universo), esta inscrita na informação genética, transmitida ^(inalterada) de geração a geração, no curso de incontaveis milhoes de anos. No homem, a estrutura do mundo esta inscrita na informação cultural, e pode ser modificada durante a transmissão de uma geração para a outra. "Historia" e isto. No entanto: tais alterações sucessivas das nossas "categorias" da percepção e do comportamento em nada afetam a sua "categoricidade". Nada existe para nos no além e nas malhas da rede de "categorias" que nos informa a respeito do mundo, e que informa para nos o mundo. Somos "categoricamente" prisioneiros da rede que secretamos, afim de nos informarmos a respeito do mundo, e afim de informarmos o mundo. E quem melhor se da conta disto e o fotografo conciente.

O aparelho fotografico e caixa programada para captar o mundo. As "categorias" de tal captacao, (longe, perto, close-up, instantaneo, "eterno"), esta inscritas no seu programa. O universo inteiro cabe em tais "categorias", e nada existe além delas e entre as suas malhas. O fotografo capta "categoricamente" tudo segundo programa, e nada exista fora do programa. Em outros termos: tudo e fotografavel, e o que nao e fotografavel nao existe. Como nada existe fora da teia de aranha. Mas o fotografo nao e aranha. Transcende o seu programa. Sabe, por exemplo, que o aparelho foi programado segundo informação cultural determinada. Que o aparelho foi "secretado", nao por informação genética como no caso da teia de aranha, mas por determinada informação cultural científica e ideologica do século 20. De maneira que o fotografo pode criticar as suas "categorias".

Varias criticas das categorias fotograficas sao possiveis. Por exemplo esta: Os aparelhos fotograficos sao universalmente estandarizados, a despeito da multiplicidade dos modelos disponiveis. Todos obedecem, fundamentalmente, ao mesmo programa. De maneira que todos os fotografos percebem o mundo pelas mesmas "categorias", nao importa a diferenca cultural, geografica ou social, que possa distingui-los. E que o programa do aparelho se sobrepoe sobre as diferencas culturais, e as encobre. Todos os fotografos do mundo tem visao identica, ("visao fotografica"), e todos os receptores de fotografias, no mundo inteiro, recebem identica visao do mundo. Cultura de massa: visao universalmente programada das coisas, fora da qual nada existe. Dai ser pateticamente inoperante querer distinguir entre fotografia brasileira e japonesa, fotografia proletaria e burguesa. Pateticamente inoperante querer negar a massificacao operada pela fotografia.

Mas a critica fundamental que pode ser feita das categorias fotograficas e esta: o aparelho e programado para captar superficies do mundo. Para ele, so existem superficies, e isto "categoricamente": fora de superficies, nao ha nada. Em outros termos: tudo que cai na rede do aparelho ou e traduzido em superficie, ou nao e captado. O aparelho projeta, "categoricamente", visao superficial do mundo. Sociedade informada por fotografias e sociedade superficialmente informada. As superficies captadas pelo aparelho sao armazenadas por sua vez em superficies, (papel de jornal, pagina de revista, lata de conserva, ultimamente, no caso da fotografia electro-magnetica, tela de TV). A fotografia e, "categoricamente", superficie que armazena superficies captadas. Sociedade informada por fotografias e sociedade ^{informada} a respeito de superficies por intermedio de superficies. Sociedade que vivencia, valoriza, conhece, e age bi-dimensionalmente.

Ha consenso cultural, segundo o qual "superficialidade" e termo pejorativo. As superficies seriam "meras aparencias" que e preciso perfurar para chegar-se ao "fundo das coisas". Tal consenso sugere tri-dimensionalidade: busca de "profundidade". Na realidade, no entanto, o consenso anti-superficial resulta de uni-dimensionalidade. O que se busca nao e aprofundar as superficies, mas explica-las. Tornar explicito e que esta implicito nelas. E tais explicitacoes das superficies nao sao volumes, (por exemplo esculturas), mas textos que descrevem as superficies a serem explicadas. O homem unidimensional, o homem dos contos e das contas, e homem letrado, (isto e: todos nos), despreza as superficies e a superficialidade, porque capta, "categoricamente", tudo em linhas, em textos, em equacoes, em processos. Nada ha, para ele, alem do explicado e explicavel. Ja que superficies nao sao jamais inteiramente explicaveis, ja que jamais podem ser inteiramente descritas, nao podem elas existir, e devem ser "meras aparencias enganadoras".

O fotografo consciente sabe que nao e possivel querer descrever e explicar as suas fotografias. Que as "categorias" lineares, unidimensionais da razao discursiva nao sao competentes para captar o seu universo. Mas, ao contrario do pintor tradicional, o fotografo consciente sabe ainda outra coisa: O programa do seu aparelho, o qual traduz "categoricamente" tudo em superficies, e resultado de cultura linear, cultura de textos. Equacoes lineares de quimica, de optica, de mecanica, tornaram possivel a construcao do seu aparelho. De maneira que a superficialidade da captacao fotografica do mundo e resultado de superacao de unidimensionalidade. Originalmente, ha tres mil anos, os textos explicavam imagens, a unidimensionalidade superou a bi-dimensionalidade. Mas agora as fotografias ilustram textos, e os textos se tornam suportes das fotografias. A bi-dimensionalidade esta superando a unidimensionalidade. Destarte a critica das categorias fotograficas pode levar ao louvor da superficialidade, em oposicao a unidimensionalidade das "categorias" precedentes.

Goethe dizia: "Nada se busque por detraz das meras aparencias: omisterio sao elas". O fotografo consciente esta "categoricamente" empenhado na captacao de tal misterio das superficies, em superficialidade.